

RESULTADOS PRINCIPAIS

O inquérito EU Kids Online

f Este relatório apresenta os resultados completos de um inquérito inédito, concebido e conduzido pela rede EU Kids Online, de acordo com rigorosos standards. Foi financiado pelo Programa Safer Internet da Comissão Europeia de modo a consolidar a base empírica para políticas de segurança na internet.

f Foi entrevistada uma amostra aleatória estratificada de 25.142 crianças, com idades entre os 9 e os 16 anos, utilizadoras da internet, e um dos seus pais, na Primavera/Verão de 2010 em 25 países europeus.

f O inquérito investigou alguns riscos online fundamentais: pornografia, bullying, receber mensagens de cariz sexual, contactar com pessoas desconhecidas, encontros com pessoas que se conheceu pela internet, conteúdos potencialmente nocivos criados por utilizadores e abuso de dados pessoais.

f Neste relatório, 'crianças' refere-se a crianças e jovens dos 9 aos 16 anos utilizadores da Internet em toda a Europa. 'Usar a internet' significa qualquer dispositivo e quaisquer lugares onde acedem à internet.

Usos e actividades online

f O uso da internet está totalmente integrado na vida quotidiana das crianças: 93% dos utilizadores dos 9 aos 16 anos acedem pelo menos uma vez por semana (60% usam todos os dias ou quase todos os dias).

f As crianças estão a começar a usar a internet cada vez mais novas – a média de idades do primeiro uso da internet é de sete anos na Dinamarca e na Suécia e de oito noutros países do Norte da Europa. Em todos os países, um terço das crianças com 9 ou 10 anos que usam a internet fazem-no diariamente, o que

aumenta para os 80% entre os jovens com 15 ou 16 anos.

f A internet é mais usada em casa (87%), seguindo-se a escola (63%). Mas o acesso à internet está-se a diversificar – 49% usam-na no seu quarto e 33% através de um telemóvel ou outro dispositivo móvel. O acesso por dispositivos móveis ultrapassa um em cinco casos na Noruega, Reino Unido, Irlanda e Suécia.

f As crianças têm muitas actividades online, potencialmente benéficas: as crianças dos 9 aos 16 anos usam a internet para o trabalho escolar (85%); jogam (83%); vêem clips de vídeo (76%); e trocam mensagens instantâneas (62%). São menos as que publicam imagens (39%) ou que partilham mensagens (31%), as que usam uma webcam (31%), sites de partilha de ficheiros (16%) ou blogues (11%).

f 59% das crianças dos 9 aos 16 anos têm um perfil numa rede social – incluindo 26%

terço das crianças com 9 a 16 anos (36%) diz que a afirmação “Eu sei mais sobre a internet do que os meus pais” é ‘muito verdadeira’, um terço (31%) diz que é ‘algo verdadeira’ e um terço (33%) diz que ‘não é verdadeira’ no seu caso.

f As crianças mais novas tendem a ter falta de competências e confiança . Contudo, a maioria dos jovens com 11 a 16 anos consegue bloquear mensagens de pessoas que não desejam contactar (64%) ou encontrar conselhos de segurança online (64%). Cerca de metade consegue alterar as definições de privacidade num perfil de rede social (56%), comparar websites para avaliar a sua qualidade (56%) ou bloquear spam (51%).

Riscos e danos

O risco não resulta necessariamente em dano, como reportaram as crianças. As crianças que utilizam a internet foram questionadas sobre se tinham encontrado um leque de riscos online e, depois, se tinham ficado incomodadas por isso. ‘Incomodado’ foi definido como algo que “te fez sentir desconfortável, perturbado, ou pensar que

metade das que receberam mensagens de bullying ficaram bastante ou muito incomodadas.

f Uma vez que 19% foram vítimas de bullying online e/ou offline (comparados com 6% online), e 12% exerceram bullying sobre outra pessoa no último ano (comparados com 3% online), parece ocorrer mais bullying offline do que online .

f A maioria das crianças que recebem mensagens online maldosas ou desagradáveis pediu apoio a alguém: apenas um quarto não falou a ninguém. Seis em cada dez usaram também estratégias online – apagar mensagens ofensivas ou bloquear o agressor, medida vista pelas crianças como eficaz.

‘Sexting’

f 15% dos jovens de 11 a 16 anos receberam de amigos “ mensagens ou imagens de cariz sexual ... [ou seja] falar sobre ter sexo ou imagens de pessoas nuas ou a ter relações sexuais ”, e 3% diz ter enviado ou colocado online conteúdos desse tipo.

f Dos que já receberam mensagens destas, quase um quarto ficou incomodado por isso. Mais, dos que ficaram incomodados, quase metade ficou bastante ou muito perturbado. Por isso, de uma maneira geral, um oitavo dos que receberam essas mensagens (cerca de 2% de todas as crianças) ficou bastante ou muito perturbado com as mensagens de cariz sexual.

f Entre os que ficaram incomodados pelo ‘sexting’, cerca de quatro em dez bloqueou a pessoa que lhes enviou as mensagens (40%) e/ou apagou as mensagens indesejadas (38%). Na maioria dos casos, a criança declarou que esta acção ajudou a situação. Estas reacções construtivas poderiam ser encorajadas entre mais crianças.

Conhecer offline pessoas conhecidas online

f A actividade de risco online mais comum

Conhecimento dos pais

f Os pais de crianças que já viveram um dos riscos apontados não se apercebem frequentemente disso :

f 40% dos pais cujos filhos já viram imagens sexuais online afirmam que eles não as viram;

f 56% dos pais cujos filhos receberam mensagens desagradáveis ou prejudiciais online respondem que eles não as receberam;

f 52% dos pais de crianças que receberam mensagens sexuais declaram que elas não as receberam;

f 61% dos pais cujas crianças se encontraram offline com um contacto online desconhecem esse facto.

f Ainda que a incidência destes riscos afecte um pequeno número de crianças em cada caso, destaca-se o elevado nível de desconhecimento dos pais.

f A maioria dos pais (85%) confia no seu papel, sentindo que pode ajudar a criança se esta encontrar algo que a incomode online. Os pais confiam também na capacidade da criança para lidar com coisas online que a possam incómodar.

Mediação parental

f A maioria dos pais declara falar com os filhos sobre o que estes fazem na internet (70%) e ficar por perto quando a criança está a utilizar a internet (58%). Mas, segundo as crianças, um em cada oito pais (13%) parece não fazer nenhuma das formas de mediação que lhe foram perguntadas.

f Mais de metade dos pais tem uma intervenção positiva, como sugerir à criança como se comportar com outros quando se está online (56%), falar sobre coisas que a podem incomodar (52%), e tê-la ajudado quando surgiu algum problema (36%).

f Os pais também restringem a partilha de informação pessoal das crianças (85%), a partilha de conteúdos (63%) e os downloads (57%).

f Metade dos pais verifica mais tarde a utilização da internet do seu filho, sendo esta a estratégia menos frequente, em comparação com o apoio positivo, as orientações de segurança ou criação de regras sobre o uso da internet.

f O uso de ferramentas técnicas de segurança é relativamente baixo: pouco mais de um quarto dos pais bloqueia ou filtra sites (28%) e/ou monitoriza os sites visitados pelo seu filho (24%).

f Crianças e pais consideram a mediação parental útil, especialmente as de 9 a 12 anos.

da internet dos seus amigos, e 35% diz que também deu conselhos a amigos.

f Comparando os países sobre fontes de conselhos de segurança online, parece que a maior parte do aconselhamento é recebida dos pais (63%), depois dos professores (58%) e depois dos pares (44%).

f No entanto, para os adolescentes mais velhos e para as crianças de lares com estatuto sócio-económico mais baixo, o aconselhamento dos professores supera o dos pais.

f Outros familiares (47%) são geralmente tão importantes como os pares a oferecer conselhos às crianças para uma utilização segura da internet.

f A informação recebida pelas crianças pelos tradicionais media de massas (20%) vem depois, com as fontes online a serem usadas ainda menos (12% obtiveram conselhos de segurança em websites).

f Os pais obtêm conselhos sobre

todos os agentes para assegurar uma maior disponibilidade de conteúdos positivos adequados à idade para as crianças, especialmente em comunidades linguísticas pequenas.

Notas sobre metodologia

f Este relatório é resultado do trabalho da rede EU Kids Online , coordenada pela LSE, com equipas de investigação e consultores de stakeholders em cada um dos 25 países e um painel consultivo internacional.

f Os resultados iniciais deste relatório foram apresentados no Safer Internet Forum no dia 21 de Outubro de 2010. O presente relatório apresenta os resultados completos do inquérito para os 25 países.

f Os países incluídos no EU Kids Online são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Lituânia, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Roménia, Suécia e Turquia. A menos que os países estejam especificados, os resultados são médias ponderadas por todos os países.

f Reconhece-se que é particularmente difícil medir os aspectos privados ou perturbantes das experiências da criança. O inquérito foi conduzido nas suas casas, numa entrevista cara-

